

OIT projeta redução lenta da taxa de desemprego no Brasil em 2019 e 2020

Por Assis Moreira

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) projeta queda na taxa de desemprego no Brasil em 2019 e 2020, em linha com a expectativa de recuperação da atividade na maior economia da América Latina. Em relatório sobre as "Perspectivas do Emprego e Questões Sociais de 2019", a OIT estima que a taxa de desemprego no país cairá de 12,5% em 2018 para 12,2% e 11,7% em 2019 e 2020, respectivamente.

Com isso, o número de pessoas sem emprego no Brasil declinará de 13,3 milhões atualmente para 12,7 milhões em 2020, representando 600 mil desempregados a menos - mas isso não significa que haverá melhora na qualidade do emprego.

Desemprego na América Latina

Taxa para pessoas com 15 anos ou mais, em %



Fonte: Organização Internacional do Trabalho

INFORME

A projeção é baseada em recuperação do crescimento econômico na América Latina e no Caribe, com a expansão do PIB alcançando 2% em 2019 e 2,6% em 2020, comparado a 1% em 2018. Grande parte dessa melhora é atribuída pela OIT ao desenvolvimento no Brasil, onde prevê aceleração do crescimento de 0,7% em 2018 para 2,4% em 2019.

No entanto, a forte recuperação regional não deve resultar no mesmo ritmo de melhora no mercado de trabalho. Apesar da retomada econômica, a informalidade e a má qualidade do emprego continuam pesando forte na América Latina.

Nada menos de 53% da população empregada atua no setor informal, o que implica salário pequeno e limitado acesso a proteção social, benefícios vinculados à família e financiamento externo. No Brasil, a taxa é de 46%, e, no México, de 53,4%. No total, 2 bilhões de pessoas ocupavam um trabalho informal em 2016, representando 61% da mão-de-obra mundial.

Enquanto a criação de emprego aumenta no Brasil, a tendência é de o número de pessoas sem trabalho ter ligeira alta na Argentina, no Chile e no Peru, apesar de esses dois países continuarem a ter crescimento entre 3,4% e 4,2% neste ano.

A maior parte das vagas criadas na América Latina e no Caribe nas últimas décadas foi no setor de serviços, que representa hoje 40% do total de empregos na região, comparado a 12% na manufatura. Com exceção das atividades financeiras, a informalidade continua propagada nos vários segmentos de serviços. A região, com uma das maiores taxas de informalidade no emprego, tem também uma das mais elevadas incidências de "pobreza multidimensional" (múltiplas carências).

O número de pessoas na pobreza extrema ou moderada na América Latina, vivendo com algo entre US\$ 1,90 e US\$ 3,00 por dia, deve em todo caso cair ligeiramente de 19,6 milhões neste ano para 18,7 milhões em 2020, se as boas perspectivas econômicas se confirmarem.

Globalmente, havia 172 milhões de desempregados no ano passado, o que corresponde a uma taxa de 5%. Foi necessário apenas um ano para o desemprego mundial passar de 5% em 2008 para 5,6% em 2009, mas o retorno aos níveis de antes da crise financeira global demorou nove anos.

Na hipótese de uma situação econômica estável, a taxa de desemprego deverá continuar a baixar em numerosos países. No entanto, a OIT nota que riscos macroeconômicos aumentaram e já têm um impacto negativo no mercado de trabalho em vários países. O

INFORME

número de desempregados deve atingir 174 milhões de pessoas em 2020 em razão da aumento da população ativa.

Para a OIT, as más condições de trabalho são o principal problema mundial do emprego. A maioria de 3,3 bilhões de pessoas que tinham um emprego em 2018 sofre com ausência de segurança econômica, de bem-estar material e de igualdade de chances.

A situação inquieta com novos modelos de negócios favorecidos pelas novas tecnologias e que atropelam normas do trabalho. "Ter um emprego não garante sempre se ter um modo de vida decente", diz Damian Grimshaw, diretor de pesquisa na OIT. "A prova é que 700 milhões de pessoas vivem numa situação de extrema pobreza ou pobreza moderada, embora tenham um emprego."

A desigualdade de gênero do mercado de trabalho continua forte, com participação de apenas 48% das mulheres, comparado a 75% no caso dos homens. Ou seja, cerca de três pessoas entre cinco, dos 3,5 bilhões de pessoas que compõem a população ativa mundial em 2018, eram homens.

De onde virão os empregos?

Por Jorge Arbache

Uma das mais ruidosas preocupações deste início de século é de onde virão os empregos. A preocupação é pertinente em razão das evidências de que tecnologias como inteligência artificial, robôs e serviços prestados de forma remota poderão destruir empregos. Há estimativas para todo gosto. Independentemente da estimativa, há consenso de que os impactos serão grandes.

Mas o que ainda não está claro é se e como as tecnologias e serviços afetarão países com características distintas. Haverá ganhadores e perdedores? Este ponto é importante, pois tem implicações econômicas, sociais e até políticas.

Parece haver dois grupos de efeitos das novas tecnologias no emprego. De um lado, estariam os efeitos na criação e destruição de empregos associados ao uso de tecnologias e serviços remotos. Eles se referem, por exemplo, ao uso de inteligência artificial em atividades fabris e ao uso de plataformas digitais de serviços.

INFORME

“É preciso preparar a próxima geração de trabalhadores para um mundo crescentemente digital e de serviços”

De outro lado, estariam os efeitos associados à criação de empregos relacionados ao desenvolvimento, gestão e distribuição de novas tecnologias e serviços. Essas tecnologias requerem verdadeiros exércitos de profissionais e técnicos especializados e atividades necessárias para se gerir e operar negócios com atuação global.

O primeiro efeito afeta os países que empregam tecnologias e serviços. O segundo se limita aos países que se tornaram desenvolvedores, gestores e distribuidores daquelas tecnologias e serviços. Os efeitos líquidos seriam, portanto, diferenciados entre países.

Mas há razões para se esperar que os efeitos líquidos serão ainda mais assimétricos. Primeiro, porque quanto mais globalizados e integrados forem os mercados de tecnologias e serviços, mais os países desenvolvedores, gestores e distribuidores se beneficiarão em termos de emprego, já que muitos daqueles negócios são geridos majoritariamente de forma remota. E, segundo, porque a comoditização digital está influenciando a geografia dos investimentos.

A comoditização digital refere-se a modelos de negócios que visam popularizar o acesso e uso de tecnologias digitais e serviços. Mais que ganhar com a venda de uma fábrica inteligente ou com o acesso tarifado a uma plataforma, o modelo mira o efeito-rede e o efeito-plataforma e a comercialização de serviços especializados e licenças. Isto ajuda a explicar os preços relativamente baixos e cadentes de tecnologias sofisticadas e o acesso a serviços digitais a preços baixos ou até irrisórios.

Acontece que como aquelas tecnologias são poupadoras de trabalho, elas estão viabilizando atividades variadas e a manufatura em países desenvolvidos até mesmo de têxteis e calçados, que antes eram intensivos em trabalho. Isto ajuda a explicar o ativismo industrial e o deslocamento de investimentos em favor dos países desenvolvidos. E explica dois outros movimentos: a formação de grandes hubs fabris, tecnológicos, de serviços e de negócios em torno de algumas cidades e a transformação das cadeias globais em cadeias regionais de valor.

De fato, o vigor do mercado de trabalho americano está associado ao que se passa naquelas atividades. Dados do Bureau of Labor Statistics mostram uma alta e crescente demanda por ocupações tecnológicas e relacionadas e já se projetam fortes aumentos salariais para elas.

Nesse contexto, parece razoável prever que países em desenvolvimento enfrentarão desafios para gerar empregos. Um deles está associado à substituição de tecnologias por 4

INFORME

trabalhadores, já que a comoditização digital já chegou até mesmo em países de renda baixa. Outro desafio está associado aos efeitos da comoditização digital na geografia dos investimentos em desfavor daqueles países. E um terceiro está associado ao crescente consumo de serviços fornecidos desde fora.

Para a América Latina, esse debate é crítico. Afinal, temos uma população jovem e com pouca qualificação e que ainda está crescendo a taxas relativamente altas. A região também convive com altas taxas de desemprego e de informalidade.

Se baixos custos do trabalho já não são tão eficazes como fatores de atração de investimentos, então de onde virão os empregos?

Obviamente que a questão tem nuances por país. Mas, de forma geral, há muitas oportunidades de negócios associados a ganhos de eficiência, inclusive se beneficiando das commodities digitais, inclusão de pessoas ao mercado financeiro e consumidor, obras de infraestrutura e investimentos diversos numa agenda que requer reformas micro e macro já conhecidas.

Mas se queremos dar aos nossos países um lugar ao sol na economia global, então será preciso ambição e considerar um rol mais amplo de políticas que incorporem a região à era digital e de serviços.

Uma dessas políticas é a industrialização dos setores que temos vantagens comparativas. Outra é o desenvolvimento de tecnologias, soluções digitais e serviços globais associados àqueles setores. E outra, mais importante, é a preparação da próxima geração de trabalhadores para um mundo crescentemente digital e de serviços.

A região já mostrou que pode participar com sucesso da agenda digital como desenvolvedor, gestor e distribuidor. Agora, é preciso criar as condições para dar escala e encorajar o desenvolvimento de novas ideias e negócios. Isto exigirá capacidade de elaboração e implementação de políticas. A jornada será tortuosa, mas é para lá que devemos seguir.

Jorge Arbache é vice-presidente de Setor Privado do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF) e escreve mensalmente neste espaço.

Emprego nos serviços cai em dezembro, mas avança no ano

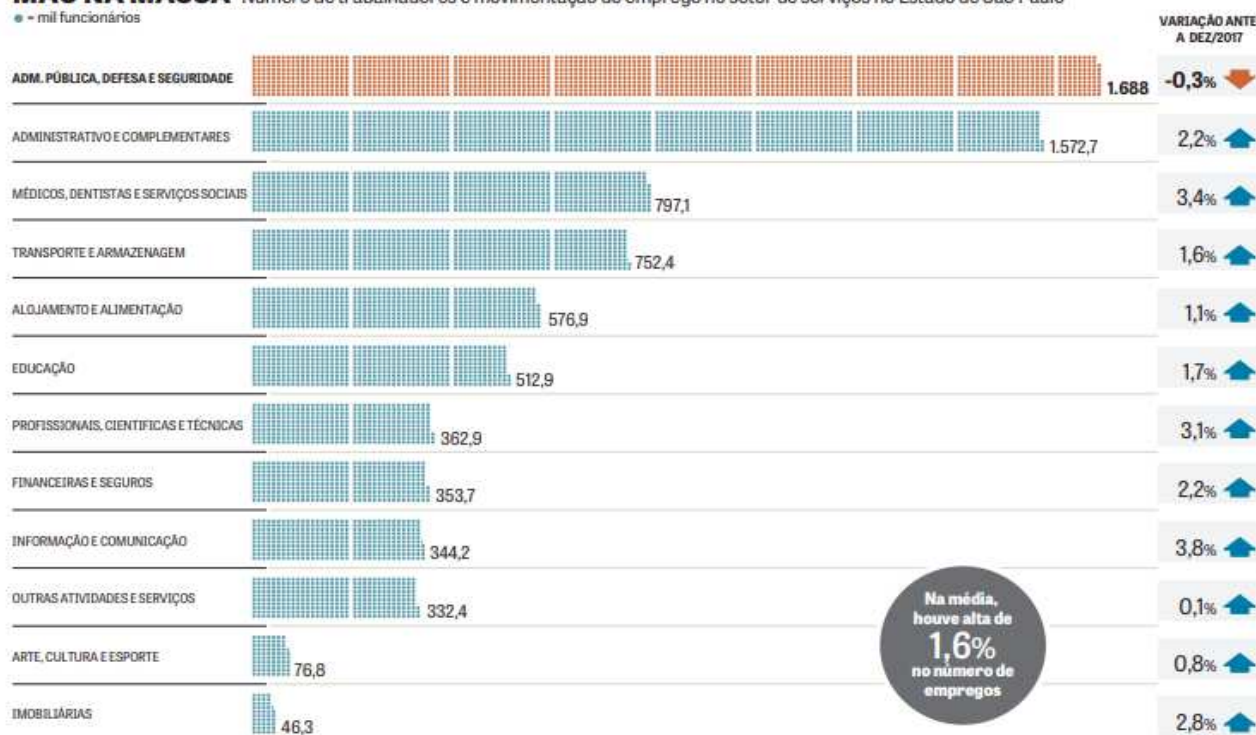
Apesar do tropeço e a perda de 50 mil postos de trabalho celetista no último mês de 2018, 11 dos 12 ramos de atividade no Estado de São Paulo cresceram

Apesar do tropeço e a perda de 50 mil postos de trabalho celetista no último mês de 2018, 11 dos 12 ramos de atividade no Estado de São Paulo cresceram

MÃO NA MASSA

Número de trabalhadores e movimentação do emprego no setor de serviços no Estado de São Paulo

● - mil funcionários



FONTES: MINISTÉRIO DO TRABALHO E FecomercioSP

PAULA CRISTINA • SÃO PAULO

Apesar da eliminação de 56 mil postos de trabalho com carteira assinada em dezembro, o setor de Serviços no Estado de São Paulo conseguiu encerrar 2018 com aumento de 1,6% no número de celetistas, quando comparado ao acumulado de 2017.

Números da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), obtidos com exclusividade pelo DCI, apontam que em dezembro houve 143.551 admissões contra 199.583 desligamentos, interrompendo cinco altas

INFORME

mensais seguidas. “Por outro lado, 115.309 vagas foram criadas ao longo de 2018. Com isso, o setor encerrou o mês com um estoque ativo de 7.416.743 vínculos celetistas, aumento de 1,6% em relação ao mesmo período de 2017”, detalhavam o relatório da entidade, que usa como base dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

De acordo com o levantamento, todas as 12 atividades analisadas registraram mais desligamentos do que admissões em dezembro, com destaque para educação (-23.529 vínculos) e transporte e armazenagem (-9.936 vínculos).

Em relação ao mesmo período de 2017, só o serviço de administração pública, defesa e seguridade social (-0,3%) teve variação negativa no estoque de vínculos. Em contrapartida, as atividades de informação e comunicação (3,8%) e de serviços médicos, odontológicos e sociais (3,4%) apontaram as maiores taxas de crescimento na mesma base comparativa (*veja mais no gráfico*).

Segundo a assessoria econômica da FecomercioSP, apesar da retração de vínculos no mês de dezembro, dos 12 grupos de atividades avaliadas, 11 apontaram mais admissões que desligamentos no ano. Para a Entidade, o emprego no setor de serviços aumentou porque o segmento é transversal na economia e “atende a todos os outros ramos e se beneficia de uma aceleração, ainda que tímida, consistente no ambiente econômico atual”. Segundo a Federação, as vagas perdidas nos piores períodos de crise (2015 e 2016) estão sendo recuperadas. Entre os anos de 2017 e 2018 já houve restituição de metade dos vínculos encerrados nos anos anteriores. “A expectativa é de que a economia continue crescendo e de que novas contratações sejam efetivadas em 2019, até que se recupere a totalidade das vagas perdidas durante a crise” diz a análise.

Capital paulista

O setor de serviços da capital paulista eliminou 15.814 vagas em dezembro. Das 12 atividades analisadas, 11 apresentaram mais desligamentos do que admissões, com destaque para educação (-8.698 vínculos) e serviços médicos, odontológicos e sociais (-1.752 vínculos). O único grupo que registrou saldo positivo de admissões foi o de financeiras e seguros, com 227 vínculos. Por outro lado, detalhava o levantamento, no saldo acumulado em 2018, 52.670 vagas foram abertas, o que significa um aumento de 1,5% do estoque ativo de vínculos em relação ao mesmo período de 2017, atingindo um estoque ativo de 3.529.045 empregos formais em 2018.

(Fonte: DCI – 14/02/2019)

7